

ETNOGRAFIA NO MUNDO URBANO DE BELÉM (PA): as transformações das paisagens a partir das memórias dos antigos moradores do Distrito de Icoaraci¹

*Flávio Leonel Abreu da Silveira**
*Pedro Paulo de Miranda A. Soares***

RESUMO: O artigo em questão busca compreender as relações entre memória coletiva e imaginário, considerando as suas intersecções com os processos de transformação das paisagens no Distrito de Icoaraci, na cidade de Belém (PA). Para tanto, recorreu-se ao diálogo com velhos narradores que vivem naquela localidade, de maneira a estabelecer, a partir de suas narrativas, relações entre as suas trajetórias de vida e os itinerários urbanos vivenciados ao longo do tempo.

Palavras-chave: Memória. Imaginário. Paisagem. Mundo urbano.

1 INTRODUÇÃO

O artigo em questão busca trazer à tona as relações entre a memória dos antigos moradores do distrito belemense de Icoaraci e as transformações ocorridas na paisagem urbana local, de forma a compreendermos alguns aspectos relativos às complexidades da dimensão fantástica da memória no contexto amazônico. O artigo, portanto, alia a experiência etnográfica à relevância das entrevistas realizadas de forma livre, a fim de possibilitar o fluxo da memória dos narradores (BENJAMIN, 1980), a partir do “trabalho” de rememorar (BOSI, 1994) acerca do seu lugar de pertencimento.

Neste sentido, o ato de lembrar os tempos vividos outrora pelos narradores que vivem no distrito, auxilia a compreendermos aspectos relativos ao processo de urbanização dos seus espaços, revelando certas singularidades da experiência cultural no mundo urbano belemense.

* Professor Adjunto do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA).

**Estudante do 5º semestre de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA).

2 OS NARRADORES E AS PAISAGENS URBANAS DE ICOARACI

De acordo com Tavares (1999, p.208-9) as origens de Icoaraci remontam ao ano de 1762, período no qual “a fazenda Pinheiros, denominação original da Vila de Icoaraci, foi comprada pelo senhor Antonio Gomes do Amaral, que antes de falecer a doou ao Convento de Nossa Senhora do Monte Carmo, e em 13 de julho de 1824, esta passou para a Ordem dos Frades Carmelitas Calçados, que já possuía a Fazenda ‘Livramento’, de onde retiravam argila para a olaria”. Mais tarde, “as duas fazendas foram unidas, expandindo a área territorial, que passou a ser delimitada do Igarapé do Paracuri às margens do furo do Maguari, mais especificamente à área denominada atualmente ‘pontão do Cruzeiro’”.

O distrito de Icoaraci dista cerca de 18 km do centro de Belém e representa um dos adensamentos populacionais mais importantes do município. Trata-se de uma região banhada pela baía do Guajará, constituindo-se assim, de um conjunto de paisagens que mesclam o urbano e o rural, associando o espaço construído e intensamente modificado pela ação humana com o passar dos anos à presença de matas, igarapés, furos e ilhas relacionadas à paisagem fluvial.

Há no local, portanto, a convivência complexa e, mais ou menos tensional, entre uma Modernidade oriunda da experiência civilizacional vinculada à *Belle Époque* amazônica (DAOU, 2000; SARGES, 2002), com seus desdobramentos ao longo do tempo representados pelas inovações e facilidades oriundas da vida citadina (infra-estruturas urbanas; bancos e estabelecimentos comerciais; áreas de lazer; bares e restaurantes; presença de turistas; entre outros) e formas tradicionais de sociabilidade (festejos e folguedos; relações de vizinhança que animam a vida nos bairros; conversas de rua junto ao portão das moradias; bumba-boi; cordões de pássaros); de expressões da religiosidade (círio; romarias; festas de santos) e de formas de labuta consubstanciadas nas profissões tradicionais presentes no local (oleiro; sapateiro; barbeiro; marceneiro; alfaiate; artesão; pescador; entre outros), revelando a dinâmica da vida urbana dada no jogo existente entre permanência e mudança no corpo das paisagens de pertencimento.

As narrativas dos velhos contadores de histórias presentes no contexto icoaraciense revelam através de suas memórias, a dinâmica de transformação dos lugares vividos por tais personagens, na medida em que as mesmas trazem à tona aspectos relativos às mudanças ocorridas nas paisagens de outrora ante a configuração de novos espaços urbanos na cidade de Belém.

Numa conversa com seu Jorge (70 anos), barbeiro desde os 19 anos de idade e ainda atuante no distrito, o idoso referindo-se a Icoaraci mencionou o

seguinte: “isso aqui tudo era mato aqui, né. Asfalto ninguém sabia nem o que era! Asfalto veio surgir já de uns anos pra cá mais ou menos, anos 40”. Ainda, segundo o senhor, a iluminação pública chegou ao distrito “no ano, mais ou menos, deveria ser nos anos 40; 50. Por aí, né... É, nos anos 50, já, que melhorou a luz!”.

Por sua vez, ao ser indagado se Icoaraci havia mudado muito, seu Gildo, (69 anos), cunhado de seu Jorge, respondeu:

Foi, mudou muito, num tinha esse negócio de supermercado. Era só merceariazinha aqui, acolá, viu? E...e era assim. E num tinha ilumina... e gastava mais era querosene pa colocar na lamparina, não tinha luz elétrica! Lá em casa não tinha luz elétrica, era lamparina... candieiro, lamparina, era isso... É, na rua, quer dizer, que quando eu me entendi já tinha luz elétrica, já, os mais antigos de que eu, meus irmãos mais velhos, eles alcançaram, que tinha nos postes os lampião que era de... de óleo... é, óleo... e querosene, é... num sei... Era tipo uma lamparina grande, colocava nos postes pa iluminar, pra num ficar completamente escuro. Então era isso.

Seu Gildo afirmou ser a região de Icoaraci bastante florestada, uma vez que “tinha mato”, inclusive “tinha, tinha umas... umas paca, todos os animaizinho... É, cobra... tinha que ter cuidado cas cobra, era!” (risos).

Além disso, de acordo com este senhor, “num tinha muita casa era pouca casa que tinha, as rua era de chão”. Na perspectiva de seu Gildo, o distrito de Icoaraci revelava-se um lugar pacato no tempo em que era criança, pois “era mais simples, era mais, era casa de madeira... viu? Casa de inchimento, de inchimento, é, barro. Pessoa faz aqueles gradio assim e tapa de barro, vai inchendo... coberto com palha, as veze era telha”.

Seu Jorge comentou sobre as antigas moradias quando refletia sobre o fato de ter nascido em Icoaraci:

Segundo meus pais, nasci na travessa Santa Rosa entre sexta rua e sétima. Meu pai tinha uma casa lá e tinha outra aqui. Chamavam nessa época barraca, as casa tudo era barraca, barraca era assim, coberta de palha... quando era rapaz, assim... barraca. É, não, por aqui era muito, muito dessas casa... Só que a nossa não era, tinha umas que faziam com aquele barro, né! Barro, é, aí punha a palha em cima. A nossa era de madeira, era bem aqui no meio... Só uma, depois de tempo foi que ele morreu que nós dividimo, esse pedaço é meu o outro

é da minha irmã... Quando a pessoa tinha casa de madeira coberta de telha: ‘É, esse cara deve ter engenheiro’ (risos)... É, era ruim pra arrumar assim. Meu pai era telheiro, nossa casa era de, coberta de palha, depois foi negociando com o rapaz que fazia... isso melhorou muito, né, do meu tempo melhorou muito!

E, continua:

É, era, aí na, onde é a academia Paulo Mendes, aí. Tinha uma senhora, eu não sei se ela era cearense, chamavam dona Chiquinha, antes de vir esse pessoal do Paulo Mendes ela plantava roça. E, mermo quando chegou, também parece que a mãe da Tereza aí, ainda plantava roça. O nosso terreno aqui era muito, tinha muito açazeiro... Era, muito açazeiro, muito açáí. Agora não, que ele ficou pequeno, mas o meu... Num sei se você já foi, no meu terreno tinha, plantei aí um bocado de árvore, aí uma por cima da outra, meio desorganizado, mas tem ainda as plantas, né. Era açazeiro. Quando chegava da olaria, assim, minha vó tinha oitenta e cinco anos, mas era forte! A mãe da minha mãe, aí:

‘-Vamo tomar açáí?’

‘-Vamo!’

‘- A senhora amassa, vó?’

‘- Amasso!’

Era amassado com a mão no alguidar de barro, é!

‘- Deixa que eu compro charque!’

Não, não era charque, era jabá! Agora que chamam charque, né.

‘-Deixa que eu compro jabá!’

De acordo com o idoso, algumas pessoas da comunidade mantinham roças para o sustento familiar, como fica claro em sua fala quando rememora períodos passados, pois em sua narrativa seu Jorge demonstra parte da dinâmica de ocupação do distrito, estando a mesma relacionada à migração de nordestinos e, talvez, de pessoas oriundas de outras localidades do Pará. Ao mesmo tempo, ele reflete sobre a própria composição do pomar existente no quintal de sua casa mediante a configuração de uma paisagem doméstica, onde as memórias de sua avó mesclam-se com hábitos alimentares.

Noutro momento, ao mencionarmos a balneabilidade na área do Pontão do Cruzeiro – espaço com forte apelo turístico no distrito -, tanto seu Gildo quanto seu Jorge, comentariam algo sobre a questão. Seu Gildo afirmou seguinte: “Era vala grande pra escoar a água, num tinha essa contaminação como tem aí no

Cruzeiro, ouviu! A, a pessoa tomava banho, bem que a água era limpa, tinha igarapé pr'ali, tudo isso... Agora, num tinha essa movimentação agora como tem, né... Era pouco” (Seu Gildo).

Quanto ao trabalho dos pescadores, seu Gildo oferece-nos uma imagem da fartura de peixes em Icoaraci, no período em que era jovem:

Tinha, tinha uns pescadores aqui: bolacheira, umas canoa grande pescavam aí pro alto mar, pra cima de Mosqueiro. Então, eles traziam, não tinha esse negócio de peixe de gelo. Só era peixe fresco, peixe da maré. Saíam de noite; de tarde; no outro dia eles apareciam. Era gurijuba, era filhote, era peixe, como é? ... Piraíba! Tinha peixe, sem mentira nenhuma, tinha quase 2 m de comprimento, grosso, vinha dois homem colocavam no varal levar pro mercado pra poder cortar, muito peixe! O pessoal, o salário era pouco, quem consumia mais era pobre, não era rico.

De acordo com seu Jorge:

A praia não era poluída como é hoje. Não, não era! Aí, porque agora, muita gente, né... Era caminho pra lá, também era caminho. A gente passava, ia pela quarta rua e dobrava pra ali junto dumas casa, ia bater na praia, a água era limpa. Agora é contaminado, cês devem ter visto no jornal aí que tá poluída. É todo tempo, só pela época de férias... Mas pessoas não tão nem aí. Eu, só que eu não tomo banho, né... Mas talvez se eu fosse mais jovem tomasse, os outros tomam, influência, né. Não sei se, se dão mal, eu nunca vi ninguém dizer que se deu mal aí no Cruzeiro.

Afirmou em relação às pescarias nos igarapés e na baía do Guajará, bem como ao abastecimento de água para a população, que:

(...) Igarapé do Tabocal, ente ia chegar, a gente chamava boca do igarapé ali, na... na Praia do Cruzeiro. Lá, ente não levava nem o pulsa. Ente levava, chamava bóia, amarrava ali um pedaço de tripa de galinha ou pedaço de peixe, bucho de peixe. Aí, arriava lá, assim. Aí, ele vinha, metia um paneiro, assim, e jogava dentro da lata, é! Vinha agarrado, vinha dois, três. Era só meter, assim. Rápido a gente pegava muito. Agora, num pega não (risos)... Num sei esse ano, que agora é nessa época que começa a dar siri... mês de setembro, por aí, assim... Agosto, setembro já começa a chegar siri, quando o verão faz assim... chama verão forte, né. Como tá agora, calor e tudo. Mas

ainda tá chovendo... Água encanada num tinha, sabia nem o que era também! Era só poço, é... O único poço aqui nesse perímetro que não secava era da dona Jóia, ela já faleceu com noventa e quatro anos. Era! Meu pai se acordava cedo e ia encher a água. O outro já era pra deixar pro almoço. Agora, tão falando aqui no jornal que até poço tá contaminando, né, poço! É, vai avançando o negócio vão descobrindo as coisa... Eu já tomei muita água de poço, tomei banho, é uma água fria, né, poço!

As transformações na paisagem icoaraciense também são notadas pelo idoso quando este se refere à arborização urbana, pois conforme as suas observações do espaço urbano:

Tinha, muita mangueira. Isso aí, ali na segunda rua, cê vai observar que ainda bas... Era um túnel de mangueira assim. Aqui na quinta rua, muitas mangueira derrubaram. Agora, essas plantas são novas, não sei nem daonde é isso... Ente... quando saía da festa, duas horas, três horas da madrugada, que a festa só ia até nesses horários, aí, saia juntando manga da mangueira, ia juntar manga, juntava manga. Cê vê que tudo isso passou, né, dificilmente volta; não volta mais, têm outras coisa... Mas Icoaraci era isso aqui, era Pinheiro na época, que tinha Pinheiro, depois que passou pra Icoaraci. Aí, depois Icoaraci eu conheci Pinheiro, mas dizem que o primeiro nome foi Ponta do Mel, depois São João do Pinheiro, depois Pinheiro. Tem história sobre isso... variada assim, de uma pra outra²... (Seu Jorge).

Seu Jorge parece ressentir-se pelas transformações sofridas no espaço urbano de Icoaraci, quando afirma que “essas plantas são novas”, destoando das mangueiras que caracterizavam as ruas do bairro em que sempre morou. Neste sentido, o que se percebe é que uma memória do lugar, evidenciada pelas lembranças de uma paisagem de outrora, revela uma perspectiva nostálgica de uma “época”, uma vez “que tudo isso passou, né, dificilmente volta”, ou ainda, resignado, conclui: “não volta mais”, posto que “têm outras coisas” animando a vida do bairro as quais diferem daquelas de sua juventude.

Seu Manoel (68 anos), irmão de seu Jorge, através de uma longa narrativa, referiu-se ao traçado urbano do distrito de Icoaraci³, descrevendo-o a partir de sua memória viva do bairro com uma precisão impressionante de detalhes, considerando sempre as transformações sofridas na ocupação do mesmo desde a sua juventude. Segundo o senhor:

Olha, quando eu era mais jovem, mesmo. Jovem mesmo! (...) Agora, imagine, isso aqui tudo mato aqui, né! Tudo mato, num tinha esses negócio que tem, era tudo mermo da natureza né, vinha aqui. Agora vinha a 2ª rua terminava aqui, aí vinha a 3ª rua é aquela que tem lá. 3ª rua ela começava daqui, essa aqui é a Soledade, esse aqui é a outra travessa que era a Andradas... Andradas, Andradas ali. Da Andradas pra Soledade não passava, era uma baixa, era um tijucal danado [área constituída por lama escurecida]!

Aí, começava aqui a 3ª rua. A 3ª rua vinha, vinha, vinha, vinha, vinha, vinha, quando chegava aqui... Era a Soledade, Andrade, Berredos... Berredos, Souza Franco... Souza Franco... botar mais pra cá assim a ponte, né... Itaboraí, São Roque, Cristóvam Colombo... Cristóvam Colombo. Cristóvam Colombo e essa aqui, a Pimenta Bueno. Tinha uma ponte mais pra cá, mas essa eu num alcancei, quando eu alcancei já era aqui na Cristóvam Colombo, né (...) Então, aqui que ficava a ponte. Mas tempos atrás, já teve uma mais pra cá, sabe, quando eu era beem garotinho, mas eu tenho uma vaga lembrança só.

Bem, então vinha daqui, aqui era... 2ª rua, 3ª rua, bem aqui, outra baixada [área alagadiça sujeita a oscilações das águas, seja através da influência das marés ou das chuvas], num se passava pra cá, daqui pra cá não se passava, era igarapé! Era um bocado de negócio. Olha... 3ª rua como era, né... Aí, vinha a quarta rua, a 4ª rua ficava por aqui, por aqui assim também olha... isso aqui tudo uma baixada. Aí, ia, chegava a 4ª rua chegava até na, na Andradas também, isso aqui é outra baixada, não se passava pra cá pra, pra Soledade... vinha emboooora! Lembro benzinho como era aqui Icoaraci, benzinho... Isso aqui na 4ª rua, né... Na 5ª rua, onde vocês vão sempre lá, né, na casa dos meus irmão lá. Na 5ª rua era assim: também a mesma coisa, isso aqui era baixada. Aqui era a Travessa do Cruzeiro que a gente não passava pra cá, não passava, muito alagado... Tinha um igarapé, esse igarapé ia cortando assim... Aí, vinha a 5ª rua, ela começava daqui mais ou meno, e essa 5ª rua ia, ia, ia, chegava na... na Andradas. Isso aqui chegava na Andradas, isso aqui tudo já era! Eu nunca imaginei que ia morar gente ali... Aí, tá... Isso aqui é a praia do Outeiro, também não passava aqui, passava o Cruzeiro. Aí, 5ª rua, essa rua que nós tamo ela vinha aqui também... Essa começava, vou já lhe dizer, na metade do quarteirão dali, por exemplo. Nós tamo na, nós tamo aqui na... Soledade, Andrade, Andrade, Berredos, Souza Franco, isso aqui ainda tava por aqui assim, olha... Aí, tinha a Souza Franco, tá! E

a Itaboraí. Pra cá, isso aqui era tudo, isso aqui não passava... Sabia que era porque era caminho essa rua, dizia que era rua, mas era caminho. Tinha uma igrejinha lá em cima, por aqui, assim, tá.... 7ª rua, não, 6ª rua eu ainda não disse a 6ª, né? (Não!)... Aqui, quer ver olha, 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e a 6ª rua. A 6ª rua mesma coisa, chegava aqui na Andradadas não passava mais nada! Aí, vinha, aí, chegava bem aqui, também não tinha mais nada. Aqui num... aqui... Era um bolo, sabe, era uma coisa interessante, olha! Agora, aqui era o Cruzeiro, olha! Travessa do Cruzeiro, eu digo que é travessa, mas num é, travessa toda mal, coisa, toda mal conservada aí, 6ª rua, 7ª rua. Essa que nós tamo, ela vinha... começava daqui, da... aqui nós tamo na... Soledade, Andrada, essa aqui é a... Souza Franco... Souza Franco, Souza Franco já atravessava, atravessava, chegava no Andradadas, chegava na Andradadas também, porque aqui era... chegava na Andradadas. Andradadas, Andradadas, pra banda daqui do Cruzeiro... vinha, chegava aqui também. Ela, ela, num varava porque isso aqui tudo era uma, olha se eu colocar noutra posição era mais ou meno Icoaraci, era assim, olha... Viu como é? Isso aqui tudo era baixada, baixada num habitava ninguém! Aonde nós tamos aqui, ninguém passava... era assim. Olhava de lá, sabe aqueles negócio que eles chamam, como é... aquela coisa geográfica... Quenia (Cânion), Quenia, era, era mais ou menos isso. É quênia, que fica um paredão assim e a baixada, é! Tu olhava de lá da Big Ben [rede de farmácias distribuída pela região Norte e Nordeste do país] pra cá, só via o paredão aqui. A gente olhava daqui pra lá, o paredão, esse buraco aí... Aaaah, mas tinha muita água aí! Aí, era água, aí era farto, o pessoal pescavam! Aí tinha de tudo, era igarapeção, aí. Entrava motor, entrava de tudo... Aterrou tudo, mermão! Pois é, isso é que é o negócio, alguma, por isso que dá essas enchente, aí... Viu, então era mais ou meno isso aqui, olha. Aqui era um quenia, e daqui o outro, sabe.

Então, Icoaraci era desse tamanho, era isso aqui só. Aqui, aonde a gente mora, naquele quarteirão onde a gente mora... 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, né. Isso, isso aqui eu disse que era a Cristóvam Colombo, né? Então, aqui não tinha nada. Depooois, diz-que fizeram uma taberna, aqui morava uma velhinha numa casa, bem aqui, assim... nós aqui, do lado, mais um pessoal aqui... Eu sei que desse quarteirão pra esse aqui tinham dez casas do nosso lado. Me lembro do nome das pessoas até hoje, olha: era a Dona Maria Antonia que morava numa casa, a dona Isaura que morava com ela junto e a dona [?], eram três velhi-

nhas que moravam e a filha da dona [?] por nome Iroida, né... Eu era garoto, dizer que eu era rapaz, não. Agora, lá em casa morava nós: eu, meu pai, minha mãe e meus três irmão. Aí morreu uma irmã minha, ficou... meus quatro irmãos, três irmãos, morreu uma ficou eu e meus dois irmãos. Do lado, morava aquele pessoal que ainda mora até hoje, né, que já são descendentes do pessoal lá... Aí, naquela academia do Paulo Mendes, né, academia do Paulo Mendes lá, logo adiante assim; a barbearia do Jorge, meu irmão, né! Aquilo ali era um terreno vago, era uma casa de barro do seu João Barri-ga, era uma família grande, mas era só uma casinha no meio, não tinha naada, sabe... Lá adiante morava o seu, seu Jano, com a família dele, que ainda tem as filhas dele que ainda moram lá, era a... Matadouro. Trabalhava no matadouro! Perto do seu, tinha o seu Geraldo que vendia, vendia verdura no mercado. Aí, depois do seu Geraldo tinha o seu Bararu que trabalhava numa olaria. Aí, do lado era um terreno vago. Aí, quando já tava assim, com uns 12 ano, fizeram uma casa lá, era dum senhor da Mari-nha por nome Eliodoro. Aí, do lado do seu Eliodoro tinha uns cara que tocavo, era um bocado de pessoa mais escuro do que eu, sabe? Eles tocavam negócio de música, banda de música, essas coisa eu me lembro do nome dum, só que era mais ou meno da idade, que era o Sabá. Até um dia desse eu ia saindo aí, coincidência quando eu vi o cara 'Eei, Manoel!!', dentro do ônibus... Coincidência, né! O cara de tantos anos...

Seu Manoel, através do exercício de sua memória pessoal, considerando o caráter elástico e flexível da mesma, percorre os fios e meandros do tempo reencontrando o espaço vivido de outrora, onde as ruas de sua infância e adolescência emergem em sua narrativa e evocam imagens de uma urbanidade outra, na medida em que seu Manoel reconstitui um mapa mental de Icoaraci na virada da primeira para a segunda metade do século XX, estabelecendo assim uma comparação com a Icoaraci contemporânea.

Nesta Icoaraci do século XX a paisagem estava constituída por elementos de uma geografia outra, posto que, em grande parte já desapareceu de seus espaços de convivência social. Igarapés, "cânions", baixadas, matas e tijucais davam uma dinâmica diferenciada ao viver, à urbanidade local. Nem todos os lugares eram saneados, nem todos eram transitáveis, portanto, deslocar-se pelas ruas do distrito implicava em reconhecer um mapa mental onde tais ambientes refletiam, por um lado, as formas de ocupação da espacialidade do lugar e, por

outro, as representações acerca dos elementos naturais em relação à expansão e conformação da zona urbana, a partir das trajetórias de seus moradores.

As habitações, neste sentido, estavam dispostas de maneira a que as pessoas que viviam nos bairros e quarteirões constituintes do distrito, mantivessem um contato relativamente estreito, posto que a densidade populacional mais baixa daquele período – quinze mil habitantes, segundo seu Jorge – permitia às pessoas reconhecerem pela posição das casas ao longo da rua, os seus moradores. Com isto, não queremos dizer que tais formas de socição, e mesmo de sociabilidade (SIMMEL, 1983) que emergem naquele meio, tenham desaparecido por completo. Pelo contrário, elas ainda estão presentes no contexto cultural icoaraciense de maneira mais ou menos intensa.

Por outro lado, no que se refere à presença dos “casarões” no distrito de Icoaraci, um reflexo da riqueza do ciclo da borracha na *Belle Époque* paraense, verifica-se que tais construções permanecem no cenário urbano, considerando-se uma perspectiva patrimonialista, sob a forma de bens protegidos pelo Estado. Ou então, restam como ruínas de um tempo de riqueza e fartura oriundas da economia gomífera, quando tais palacetes e mansões eram o signo da ostentação das classes abastadas locais no que tange à própria concepção de moradia burguesa – “tinha gente que tinha fazenda no Marajó, essas coisas” (Seu Gildo) -, ou mesmo de lazer e refrigério vividos naquela área da cidade de Belém.

Os antigos moradores de Icoaraci apontam em suas narrativas para tal problemática ligada à conservação e destruição das edificações, como deixa claro seu Gildo:

Olha, esse... nesse, esse Coronel Sarmento, grupo ali do colégio. Ele era um prédio de dois pavimento, bonito, assoalho de acapu, tudo... Era um prédio importante. Destruíram ele pa fazer tipo uma vacariazinha, senhor sabe como é, aquelas esc... [Puseram?] lá tudo baixo, lá que era o Coronel Sarmento, era escola. Então era um prédio grande ali, aaaali na frente também, próximo já ao Coronel Sarmento tinha uma casa e já foi destruída. Tinha outra também que destruíram, parece, semana passada também, grande, e tem ali perto ali de onde era o posto policial dali, também tinha uma casa bonita lá, cum corrupio lá que virava tudo... Ainda tem, mas tá, completamente, quase destruído tudo! Falta uma recuperação grande mesmo. Então, essas casa aqui em Icoaraci mais ou meno umas 5 ou 6 no máximo 7 casa que tinha grande aqui (Tu nem falou do Tavares Cardoso! – Dona Maria, sugere ao marido.) Sim, Pois é, aaah! Tavares Cardoso, adonde é a biblioteca, também. É,

mais ou menos umas 7 ou 8 casas que tinha grande aqui. O resto só era barraca!

Seu Gildo, a partir de sua narrativa, evidencia o fato de que a destruição dos antigos casarões de Icoaraci vem ocorrendo – “outra também que destruíram, parece semana passada também, grande” -, sem maiores conseqüências. Seu Jorge afirmou sobre a questão o seguinte:

É, ainda tem muitos ali pelo Cruzeiro, né, pela Praia do Cruzeiro. Ali na Praia do Cruzeiro a gente fazia os time, ia jogar bola ali na praia, tomar banho de praia! Ainda tem aqueles casarões. Aqui na São Roque tinha um que era Romeu e Julieta, esse aí foi demolido. Tinha o chalé São João, um antigo ali... Ele, ele, ele reformou tudo sabe, porque tava [?]... É, sobraram, uma parte foi demolida, né. Você ainda vê ali pelo Cruzeiro, na segunda ali, pra banda do Cruzeiro, ainda vê. Ali na praia, em frente à praia, ali inda tem... Pra banda do Pontão, ali ainda tem casarão desses. Também já reformaram, né, mudaram aqueles aspectos que não era do início, já modificaram algumas coisas.

A fala de seu Jorge corrobora a de seu Gildo, apontando para o fato de que alguns casarões foram derrubados ou modificados ao longo dos anos em Icoaraci. Ela encontra ressonância nas argumentações de seu irmão, Manoel, o qual também se reporta às modificações da paisagem urbana icoaraciense. Portanto, seu Manoel refere-se aos os casarões da seguinte forma:

Ah, tinha, mas muitos já sumiram! É como eu lhe falei, esse daqui sumiu. Um lá da São Roque, num tem aquela Igreja Quadrangular? Ali tinha um casarão: Jorge sabe desse, o Gildo, a Maria. Era o Romeu e Julieta o nome do, desse casarão. Esse tinha lá, era um casarão enorme. Tinha lá na São Roque, aonde é a Igreja Quadrangular, bem do lado de onde é a Igreja Quadrangular. É bem do lado esse casarão. Agora, a gente ia aqui, deixa eu ver, deixa eu ver pelas ruas primeiro, né... Na 1ª rua tinha ali o... eu ia deixar roupa prum senhor que ele era... químico lá no Guará: era um alemão, ele. Era o seu Sig que a gente ia deixar roupa lá, eu e o Jorge levava no carrinho de mão que, aquela senhora que morava lá do lado, ela faleceu dois anos atrás, lavava roupa e a gente ia levar, um mês era pra mim, um mês era pro meu irmão, sabe, esse que é barbeiro. E a gente ia levar roupa, aí tinha aquele casarão que é uma biblio-

teca: São Roque, Avertaninho [referindo-se à Biblioteca Municipal Avertano Rocha], aquilo ai era o Tavares Cardoso, mas aquilo era muito bonito!”

“É por isso que eu digo, tem coisas que revolta... aquilo era pra ser conservado ali Manoel, aquela rua, casarão? É, o casarão! Na esquina da Souza Franco”. (Dona Raimunda, esposa de seu Manoel)

“É, esse tem, mas tá caindo aos pedaços lá também, esse tá caindo, é o Coronel Porfírio, ele tá caindo”.

“Dizem que é assombrado...” (Pedro)

“É, porque aquilo ali a minha mãe contava que o cara, ele era dono de negócio de escravo... Então, diiiz-que, o pessoal dizia que morria muito escravo ali sabe, muitas pessoas. Aquilo ali é velho também, da época da minha mãe! Por aí você tira, né. Agora, imagina como num era Icoaraci na, era, eu já peguei já com minha mãe, já contava esses fatos, né... Enfim, né, no Tavares Cardoso tinha uma ponte bonita, sabe. Égua! Uma ponte assim, parece quando a gente vê nos conto de fadas, sabe! Aquela ponte bacana: a água tinha a comporta, aí represava a água, sabe. Aí, tinha naquele lago, sabe, tinha um lago que era uma maravilha... mas aquilo era uma maravilha! Aquilo, hoje em dia eu passo lá, biblioteca, um matagal do cacete! O maior, maior, o pessoal num preserva, mas né, rapa! Num sei o que passa na cabeça dessa... vocês viram o jornal anteontem? Um arquivo que tem, num sei se foi no Rio ou São Paulo. Égua, rapá! Aquele documento de 1800, 1700, que o governo agora tá fazendo, passando por um processo de... como é que dá o nome? Parece uma... ajeitando tudo aqueles documento, sabe. Arquivando. É rapa, parece uma, é rapaz, uma coisa, tem uns que tão bem apagado, tem até de D. Pedro I, D. Pedro... Tem mais rapaz, tem... da escravatura. Então, tem aquele, carta de alforria. Era tudinho e aqui não, aqui... E sim, eu via aquilo, rapaz, era muito lindo aquele casarão, era muito lindo mesmo, sabe...

A gente ia e ficava olhando ali, sabe. Que a gente era pequeno, mas a gente admirava aquilo, era uma coisa assim nova pra gente né, devia ter uns 9 pra 10 ano né. A gente, muito bonito a ponte. Aí, um dia desses, num sei que foi que falou: “Mas, tinha ponte ali?” Eu digo: “Tinha, rapaz!” Agora, não sei, os corrimão sabe, era um lago, sabe, represava, tinha um lago ali, era da família Tavares Cardoso. E esses casarão que o pessoal faziam, geralmente, já agora aí na frente, a aí nesses casarões que tinha na frente que eu num sei de quem era o dono né, mas

em cada frente de cada uma casa eles faziam uma, um banheiro sabe? Isso também num tem assim, tinha parece que lá no pontão um dia quando esses prefeito..... Edmilson colocou as fotografia lá, do passado de Icoaraci, do passado, inda vi uma lá que tinha, tinha, que fazia a ponte e, no fim da ponte fazia os banheiro uma escada n'era, o pessoal tomava banho lá! As famílias que vinham assim, dia de domingo pra tomar banho. Tinha o Retiro da Saudade, retiro da saudade já caiu também... Retiro da Saudade era no canto da 3ª rua com a, com a Cruzeiro... Também, era outro casarão também. Tinha aqui, deixa eu ver, um outro, deixa eu ver onde é que era que tinha um outro casarão, rapaz... Se num me falhe a memória, se num me falhe a memória não, que era lá, onde é aquela, a fábrica Nassau; cimento, depósito Nassau, cimento... Aquilo ali era o 'bosque' que chamavam um casarão enorme lá dentro também, num sei de quem era aquilo ali... tinha muitos casarões... Mas muitos já, já, acabou, mas é isso, olha, num vê a estação nossa ferroviária né, pow! Aquilo ali não passou uma idéia rapaz, um político assim preservar aquele restinho que ainda tem né, que aquilo ali marcou né, época também, né. Esse aí da, já viu já a estação de ferro daqui que é a COARTE [Cooperativa de Artesãos de Icoaraci] agora que fizeram. Até que fizesse também né, mas devia preservar, tá caindo aos pedaços lá tudinho. É uma estrutura toda metálica né, toda, é... Acho bacana aquilo ali, aquilo ali também era.

As reflexões de seu Manoel são importantes para compreendermos a dinâmica de transformação das paisagens icoaracienses, não somente quando discute o processo de destruição dos seus antigos casarões, mas também de construções como as pontes – verdadeiras paisagens lendárias na paisagem da cidade amazônica, como revelam as fabulações de sua narrativa remetendo ao imaginário dos “contos de fadas”.

Além disso, o senhor revela, a partir da tessitura de sua narrativa, as articulações entre a sua experiência pessoal de viver o lugar, ao mesmo tempo em que recupera as imagens da Icoaraci de sua juventude. Isso é dado pela função fantástica da memória, que aciona um esforço de lembrar e reencontrar os lugares que não existem mais, situando-os nas paisagens de outrora de acordo com um mapeamento mental que não se coaduna com o mapa atual do distrito.

Ele avalia as consequências que derivam das modificações do espaço urbano ante uma “temporalidade acidentada”, consubstanciada na voragem das

formas edificadas visando a construção de outras que tendem a se afastar de uma paisagem (ROCHA; ECKERT, 2005), cuja aura e a poética estão ligadas ao modo de ser amazônico. Daí a sua indignação e tristeza diante da ruína e desaparecimento das edificações que marcaram a dinâmica de ocupação do distrito, herança da “bela época” paraense e de um tempo mítico, porque vivido como esplendor do progresso no norte do país.

De acordo com Michel de Certeau (1996, p.192-3):

O imaginário urbano, em primeiro lugar, são as coisas que o soletram. Elas se impõem. Estão lá, fechadas em si mesmas, forças mudas. Elas têm caráter. Ou melhor, são “caracteres” no teatro urbano. Personagens secretos (...) Por subtrair-se à lei do presente, esses objetos inanimados adquirem autonomia. São atores, heróis de legenda. Organizam em torno de si o romance da cidade. A proa aguda de uma casa de esquina, um teto provido de janelas como uma catedral gótica, a elegância de um poço na sombra de um pátio remelento: esses personagens levam sua vida própria. Assumem o papel misterioso que as sociedades tradicionais atribuíam à velhice, que vem de regiões que ultrapassam o saber. Eles são testemunhas de uma história (...) Esses objetos selvagens, provenientes de passados indecifráveis, são para nós o equivalente do que eram alguns deuses da Antiguidade, os ‘espíritos’ do lugar (...) Seu retiro faz falar – gera relatos – e permite agir – ‘autoriza’, por sua ambigüidade, espaços de operações.

3 NARRATIVAS SOBRE FESTAS, CÍRIO E PARADAS⁴

As narrativas sobre festas religiosas e profanas são recorrentes entre os contadores de histórias no contexto de Icoaraci. Há uma longa tradição na Antropologia realizada na Amazônia acerca que passa pelos estudos clássicos de Eduardo Galvão (1976) e Charles Wagley (1988), seguindo com Figueiredo e Virgulino (1972), Alves (1980) e Maués (1995; 1999). Mais recentemente, para o contexto de Icoaraci, Figueiredo e Tavares (2006) refletem acerca das festividades presentes no distrito.

Neste sentido, as narrativas que seguem auxiliam na compreensão de alguns aspectos relativos, às práticas de sociabilidade entre os moradores de Icoaraci, as quais estão vinculadas às festas e folguedos populares, bem como as paradas de cunho patriótico ligadas ao dia da independência do Brasil – com os desfiles embalados pelas bandas escolares -, bem como de

elementos relativos à experiência de fé pautada nas expressões religiosas relacionadas ao catolicismo.

Sobre as festas populares ligadas aos dias de determinados santos, seu Jorge lembrou de como eram realizadas. De acordo com o senhor:

E aqui tinha festa das carcundinha, chamavam carcundinha quando o certo seria corcundinha, né não? É...faziam leilões, faziam mastro, com bandeira do santo lá em cima... Nossa Senhora da Boa Viagem e tinha São Benedito. Nossa Senhora da Boa Viagem era uma festa que era de adultos; dia de São Benedito era das crianças, era um mastro também, né, São Benedito! Aí, ficavam fazendo...eram umas quinze noites de ladainha que chamavam folia, fulia, folia, cantarola de religião, né... Aquelas cantiga antiga, são cantos que, em relação assim, àquele santo, né. Eu não sei mais, não me lembro mais disso daí. Eu só sei que no final da festa quem era mordomo, o mordomo era um, tipo assim, um sócio que você tirava: 'Você quer ser mordomo da festa?' 'Quero!' Aí, lhe dava uma carta com a programação da festa e você pagava aquela importância. Quando era no final, você era um dos convidado pra almoçar com... tudo de graça (risos). Aí, tinha a festa dançante, não era só coisa assim de cantoria, de ladainha não. Tinha a festa dançante também e não tinha, nessa época... não existia esses aparelhos que tem agora, era só música mermo ao vivo. Me lembro bem dos que tocava era, assim, o Zé Bombada, é...Bombada, tinha o Pomperão, é...o Ferdinando, tudo isso já faleceram que formavam aquele já... É, chamavam jaze [jazz] né...Jaze...que era escrito [] era J-A-Z, jaze, é...chamavam jaze e era escrito na bateria, é na bateria era o J, A e o Z... Tocava, aí... Aí tocava, ia até de manhã!"

E reunia muita gente? (Flávio)

Reunia, vinha gente intê de Belém! Vinham do alerta, excursão... Eu não sei nem por onde anda, porque eles se mudaram daqui há muitos anos, morreram as pessoas já que eles, descendente deles moraram na 8 de maio, não sei se ainda tem, se eles ainda tão vivo... Não sei nem onde é que tá a imagem daquela santa, a imagem assim mais ou menos uns trinta, quarenta centímetros. Então, mas faz parte do antigo, né! Era mais aqui, pareciam barracas, barracas, era tipo assim um arraial pequeno, aí, com iguarias né, com aqueles negocinhos que as pessoas compravam. Era um negócio mermo...fora de série. Contando agora o pessoal fica até assim duvidando se acon-

teceu mermo, né... Mas eu tenho setenta anos...esperei chegar, cheguei. Tamo, aí, né? Bora ver como a gente vai!

Em relação ao Círio de Nossa Senhora das Graças, seu Jorge afirmou:

Círio? O Círio surgiu por causa duma santa, Nossa Senhora das Graças que, dizem chorou num quadro, lá na... atrás do museu. Num me lembro o nome da rua ali, mas era atrás do museu, tinha a dona Genóvia, não sei se ainda é viva? ... Era dona Genóvia, então, fazia milagres, as pessoas ficavam boas e aqui, eu me lembro que tinha um senhor que era dono de olaria, ele tinha uma enfermidade, isso aí contaram, né, o seu Luís Gonzaga, e ele fez promessa e essa igreja não tinha imagem de Nossa Senhora das Graças. Aí, ele fez uma promessa e parece que alcançou graça. E prometeu dar uma imagem pra igreja matriz, aí. Saiu, se eu não me engano, eu não vi, mas acho que saiu da casa dele procissão, de lá uma procissão. Como era muita gente, os profissionais colocaram uma corda, aí, já veio... Isso quando foi no outro ano, aí já fizeram o Círio. Era o padre... me lembro bem que eu fui... a corda... também meu irmão foi também. Só que eu não gostava muito de rezar missa, né, que a missa era em latim e eu quase num... coisava muito e ele não, ele sabia!

A missa, hoje, isso tudo é diferente, né... E ele gostava de missa e tinha de sair nas procissão com aquela cruz na frente. Era garoto, doze, dez ano... Mas antes da festa de Nossa Senhora das Graças, tinha a festa de São Raimundo e São Benedito, era. Ah, essa festa era maior que a da Nossa Senhora das Graças, depois que essa foi tomando conta e ficou já no lugar de São Raimundo, em época do Círio... Era São Benedito e São Raimundo... Não, tinha umas de noitário [responsável pela festa; mordomo da festa]... me lembro bem que a última era da prefeitura, tinha a dos motorista, faziam muito, ajudavam muito a igreja! Quer dizer, aqueles leilão que faziam né?

Tinha esse negócio de tirar donativo... donativo né... Donativo, tirar donativo. Tinha noites no Coronel Sarmento, me lembro bem, a diretora: 'Vão tirar donativo pra fazer mesão!' Escolhia uns aluno lá, de casa em casa: 'Donativo!' Dava... era uma galinha, um... qualquer coisa que tivesse: um objeto; uma cabra; bebida, ia no comércio. Mas sempre já tinha aqueles que tiravo e não entregavo, né (risos)... Quando era dinheiro, aí, se queimavo sabe... Só que eu não fazia isso. Nem gostava de

sair nesse negócio, batia de casa em casa, batendo. Batia na casa dos evangélicos, que naquela época chamavam de protestante, se aborreciam, mas era isso mesmo, ficou Nossa Senhora das Graças até hoje em 52 o primeiro círio.

“Ainda tem o Círio aqui ou não?” (Pedro)

“Tem o Círio! Nós temos um grupo só já de pessoas idosas, nós éramos novos... foram morrendo, nós ficamos... montamos o Grêmio Nossa Senhora das Graças, é. Nós já colocamos uma bicicleta na rifa, além de esforço pra enfeitar a rua, da barbearia daqui pro canto é Grêmio Nossa Senhora das Graças, daqui pra lá é Associação Nossa Senhora das Graças. O pessoal daqui fala e tudo, quando o Círio passa aqui... Cê nunca veio aqui em Icoaraci, dia do Círio? É muita gente que dá, não é igual o de Belém, claro, o de Belém é o Círio dos Círios... Aqui pode dar umas cinqüenta mil, sessenta mil, é... cinqüenta mil, sessenta mil⁵... Aí, pára, Icoaraci pára, eles param... Quer dizer, que essa festa de Nossa Senhora das Graças, ela ficou no lugar de São Benedito e São Raimundo Nonato, e as pessoas antiga foram morrendo e acabou a festa.

Em sua narrativa seu Jorge estabelece elos entre as festas religiosas e as paradas de sete de setembro, vinculando de alguma forma expressões de crença a símbolos do catolicismo popular e de identidade nacional dentro de uma lógica das tradições inventadas (HOBBSAWN; RANGER, 1984).

Eram duas festas que tinha! São Benedito e São Raimundo. Era no mês de... setembro? Agosto, era agosto, era agosto pra setembro. Eu me lembro que às vezes o último dia da festa terminava no dia sete de setembro. Tinha as paradas escolares, né... Meu irmão falou sobre isso? Dia sete de setembro aqui era muito bonito, vinham bandas de colégios de Belém tocar. Eu... do... aquele... A farda do Coronel Sarmento [escola de Icoaraci] na época era um macacão de cáqui, assim amarelo, sapato branco, mas, era, tinha um negócio pra limpar o sapato que era alvaiás, mas aquilo quando esquentava, saía aquela... sujava a perna da gente (risos)... Tudo isso eu me lembro, né... Desfilava na segunda rua ali, as escolas. Aí desfilava o matadouro, Cuará, Conceição, é... Só aquelas escolas primária aqui, né. Depois já... Até um tempo aí o Avertano [Biblioteca Municipal Avertano Rocha] ainda desfilava, acabaram com isso... Eu me lembro que houve uma época que até as olarias desfilavam, todas as olarias desfilavam.

Era bonito de se ver aqui. Mas como tudo tem começo e tem fim, né! Aí, vai acabando. Ainda tem, mas não é como era de primeiro. Desfilava o Pinheirense e Santa Rosa que eram os clubes, os dois clubes da época, era os de elite daqui, agora não sei nem como ta, o Pinheirense e Santa Rosa... O Pinheirense ainda tem a sede e o campo, o Santa Rosa vendeu tudo, num sei como é que tá? E... era bonito sim. Aí, vinha as bandas de Belém do Colégio... num sei se era o Colégio do Carmo, esses colégio grande de Belém vinham puxar, que o desfile escolar de Belém sempre foi dia cinco de setembro, né. E no dia sete era aqui, das escolas daqui. Aí, eles vinho de lá, as banda, só as banda, tocar, puxar, de tal colégio, tal colégio...

O senhor, ao lembrar-se dos episódios relacionados às festividades que ocorriam no distrito de Icoaraci, aponta para certos hábitos e formas de praticar o lugar, cuja importância remete a força simbólica dos rituais na elaboração e circulação de signos identitários de pertença às paisagens locais e a uma idéia de nação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O distrito de Icoaraci vem sofrendo transformações em suas paisagens ao longo do tempo, como atestam as narrativas de seus antigos moradores. No entanto, as suas memórias acerca das paisagens de outrora trazem à tona certas expressões da vida cotidiana que nelas se faziam presentes na segunda metade do século XX e que permanecem como recordações ligadas as suas trajetórias de vida.

Os narradores, portanto, compreendem as modificações ocorridas nas paisagens locais, mediante o esforço da memória realizado na comparação das suas características atuais - sendo que tais lugares são percebidos como “espaços praticados” – em relação com as imagens dos mesmos, referidas a um passado vinculado à segunda metade do século XX – e, em alguns casos, à primeira metade.

Os idosos avaliam a partir de uma dimensão sensível as modificações sofridas nas paisagens de pertença, considerando certas rupturas com uma experiência civilizacional no norte do país. Tais constatações dizem respeito por um lado, ao fato de que refletem sobre as alterações nas formas tradicionais de vida entre as camadas mais empobrecidas da população e, por outro, no fim de um projeto modernizador como foi a *belle époque* no contexto belemense e seus desdobramentos para o distrito de Icoaraci.

As suas considerações apontam para o surgimento das ruínas dos antigos casarões como um reflexo da destruição das paisagens de outrora. A partir daí, reconstituem aspectos importantes da memória coletiva dos seus moradores, trazendo à tona dramas sociais e dilemas da vida em sociedade, uma vez que revelam tensões e solidariedades no viver amazônico.

Os antigos moradores de Icoaraci demonstram, a partir de suas narrativas, que as festividades que ocorriam no distrito foram sendo modificadas ao longo do tempo, conforme os anseios da comunidade, inclusive, ocorrendo o desaparecimento de algumas práticas tradicionais vinculadas a essas formas de sociabilidade outrora presentes no mundo urbano belemense. Portanto, as memórias dos idosos demonstram que as transformações nas paisagens locais estão acompanhadas de modificações nas formas de viver e praticar os lugares de pertencimento.

ABSTRACT

The present article searches for the comprehension of the links between the collective memory and the imaginary, attentive to the processes of scenery's transformations into the District of Icoaraci, Belém (PA). Keeping that in mind, we have listened to the words of the ancient narrators who live there in order to establish the relations between their life history and the urban itineraries experienced using the narratives told by them.

Keywords: Memory. Imaginary. Landscape. Town.

NOTAS

1 Este artigo resulta da pesquisa etnográfica realizada no ano de 2006, no distrito belemense de Icoaraci, e se insere no projeto “Paisagens culturais, memória coletiva e trajetórias sociais. Estudo antropológico das fronteiras culturais no mundo urbano contemporâneo na cidade de Belém – PA”, coordenado pelo Dr Flávio Leonel Abreu da Silveira, tendo como bolsista o estudante do curso de Ciências Sociais, Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares. O projeto tem financiamento do PARD – Projeto Auxílio Recém-Doutor -, oferecido pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

2 A “Fazenda Pinheiro” transformou-se em um “Povoado” denominado “Santa Izabel, passando sua área a ser demarcada para definição de lotes e logradouros, e em seguida serem aforados. Foi, entretanto, em 188 que “o povoado ganhou um novo nome: São João Batista, sendo construída a

capela do mesmo nome. E em 1895, foi transformado em vila, e só então voltou a ser chamado de Pinheiro”. A partir de 1938, “foram definidos os limites interdistritais de Pinheiro (...) Em 30 de dezembro de 1943 (...) foi fixada a divisão administrativa e judiciária do Estado, pela qual a então Vila de Pinheiro passou a ser chamada Icoaraci”. (FIGUEIREDO; TAVARES, 2005, p. 28-30).

3 De acordo com Figueiredo e Tavares (2005, p.30), o distrito de Icoaraci apresenta “o mesmo modelo dos núcleos coloniais da Região Bragantina”, pois está “composta de quarteirões regulares, ruas e travessas largas repletas de mangueiras (...) Surgem suas primeiras ruas, a partir da execução da lei provincial nº 598, de 8 de outubro de 1869”.

4 Sobre o tema das paradas enquanto rituais ver DaMatta (1997).

5 Isidoro Alves (1980, p.41) referindo-se ao Círio de Nazaré de Belém deixa claro que: “As duas categorias de participantes da procissão que sempre aparecem no discurso dos informantes, nas notícias de jornais, nas referências pessoais, são o *romeiro* e o *devoto*. O devoto é aquele que tem *devoção ao santo* e o romeiro é aquele que vem exclusivamente para acompanhar o Círio, chegar na véspera e retornar no dia seguinte, após a procissão, e ter também passado algumas horas no ‘arraial’”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Isidoro. **“O carnaval devoto”. Um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém.** Petrópolis: Vozes, 1980.

BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BAUDRILLARD, Jean. Modernité. In: Encyclopaedia Universalis. v.12. Paris, 1985, p. 424-426.

BENJAMIN, Walter. **ONarrador.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano. Artes de fazer.** v.I. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de et all. **A invenção do Cotidiano. Morar, cozinhar.** v.II. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

DAOU, Ana M.. **A belle époque amazônica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FIGUEIREDO, Napoleão A.; VERGOLINO, Anaíza. **Festas de Santos e Encantados.** Belém: Gráfica Falangola, 1972.

FIGUEIREDO, Sílvio L.; TAVARES, Auda P. **Mestres da Cultura.** Belém: EDUFPA, 2006.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens. Um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas.** São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 2.ed., 1976.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

- HOBSBAWM, Eric; RAGER, Terence. **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LE GOFF, Jacques. **Lo maravilloso y lo cotidiano en el Occidente Medieval**. Barcelona: Gedisa, 1986.
- MAFFESOLI, Michel. **O poder dos espaços de representação**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, n. 116, 1994.
- MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MAUÉS, Raymundo H. **Uma outra “invenção” da Amazônia: religiões, histórias, identidades**. Belém: Cejup, 1999.
- OLIVEN, Ruben G. **Urbanização e mudança social no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Papirus, 1994. v. I, II, III.
- ROCHA, Ana. L. C. da.; ECKERT, Cornelia. **Os jogos da memória**. ILHA, Florianópolis, 2000. p. 71-84.
- _____. **Tempo e cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- SANSOT, Pierre. **Variations paysagères**. Paris: Klincksieck, 1983.
- SARGES, Maria de N. **Belém. Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2002.
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SIMMEL, Georg. **A Filosofia da paisagem**. João Pessoa, Política & Trabalho, UnFPba, 1996. p. 15-24
- _____. **Sociologia. Estudios sobre las formas de socialización**. Madrid: Revista de Occidente, 1977.
- _____. **Sociologia**. Org. Evaristo de Moraes Filho, São Paulo: Ática, 1983.
- TAVARES, Auda E. P. Turismo sustentável e qualidade de vida dos produtores de cerâmica em Icoaraci. In: FIGUEIREDO, Sílvio L. (org.). **O Ecoturismo e a questão ambiental na Amazônia**. Belém: UFPA/NAEA, 1999. p. 205-224.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço & Lugar. A perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.
- _____. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.